

LIRA NETO

Arrancados da terra

*Perseguidos pela Inquisição na Península Ibérica,
refugiaram-se na Holanda, ocuparam o Brasil
e fizeram Nova York*

1ª reimpressão



Sumário

<i>Prólogo: “Para viver o sem-fim da eternidade”</i> (Dias atuais)	11
1. “Que o medo os retraia do delito” (1492-1594)	19
2. “Um fogo e um bicho no meu coração” (1594-98)	39
3. “Ninguém seja investigado por sua religião” (1614-16)	55
4. “Maldito seja de dia; maldito seja de noite” (1617-22)	69
5. “Contra a peçonha que vai vomitando” (1623-24)	86
6. “O rei tecerá maus fios” (1623-24)	103
7. “São tidos entre nós como infames” (1624)	120
8. “Ninguém se atreva a perturbá-los” (1625-29)	133
9. “Parecia um Dia do Juízo” (1630-31)	147
10. “Assim ardeu a infeliz Olinda” (1631-36)	160
11. “Sem escravos não se faz coisa alguma no Brasil” (1636-40)	173
12. “Eles são uma peste neste país” (1640-41)	190
13. “Sugam o sangue do povo” (1642-43)	207
14. “Desejosos de tornar ao reino” (1641-44)	219
15. “Vem e olha para Teu povo” (1644-45)	231

16. “Gatos e cachorros, finos petiscos” (1646-48).....	246
17. “O Eterno é o senhor da guerra” (1646-54).....	265
18. “Onde a terra emana leite e mel” (1654-64).....	285
<i>Epílogo</i>	299
<i>Pós-escrito</i>	307
<i>Agradecimentos</i>	319
<i>Notas</i>	323
<i>Fontes</i>	363
<i>Créditos das imagens</i>	381
<i>Índice remissivo</i>	385

Prólogo

“Para viver o sem-fim da eternidade” (Dias atuais)

Quem segue a pé de Chinatown em direção ao Distrito Financeiro de Nova York talvez passe inadvertido, à altura do número 55 da St. James Place, diante dos 22 metros de comprimento de uma mureta feita de pedras superpostas, encimada por grades pontiagudas e enferrujadas. Por trás dela, nada de excepcional parece chamar a atenção no pequeno descampado estabelecido metro e meio acima do plano da calçada, o solo coberto de musgo e ervas daninhas. À primeira vista, aparenta ser apenas um terreno baldio, simples vazio urbano dando para os fundos deteriorados de prédios populares de três e cinco andares.

Assim de passagem, só mesmo uma dose singular de atenção e curiosidade irá discernir a placa retangular ao rés do chão interno, as letras em alto-relevo recobertas pela pátina própria ao tempo:

PRIMEIRO CEMITÉRIO
DA
SINAGOGA ESPANHOLA E PORTUGUESA
SHEARITH ISRAEL
DA CIDADE DE NOVA YORK
1656-1833¹

Shearith Israel, nome da congregação mais antiga de Manhattan, significa “Remanescente de Israel”, referência ao povo judeu, presumidos descendentes do personagem bíblico Jacó, o último dos patriarcas, que segundo a Torá — o livro sagrado do judaísmo — foi rebatizado de Yisrael (“aquele que luta com Deus”), depois de medir forças com um anjo guardião disfarçado de ser humano. Seus doze filhos teriam dado origem às doze tribos israelitas, ou seja, ao “povo de Israel”.²

Se atraído pela discreta tabuleta, o observador mais atento perceberá que os blocos cinzentos dispostos de modo simétrico no terreno, do outro lado do gradil, são na verdade velhos túmulos e lápides funerárias, alguns deles quase ocultos pela vegetação rasteira. As inscrições dos jazigos, obscurecidas por sucessivas camadas de fuligem e poeira, em sua maioria revelam caracteres em hebraico.

À esquerda, outra chapa metálica, ainda mais afetada pela oxidação fosco-esverdeada que denuncia a ausência de manutenção, apresenta breve informe adicional. Cravado no recôndito de um pórtico de tijolos, meio oculto pela gambiarra da fiação exposta que sai da parede do prédio vizinho, o letreiro indica que ali está “o que resta do primeiro cemitério judeu nos Estados Unidos, consagrado no ano de 1656, quando foi descrito como ‘fora da cidade’”.³

Difícil imaginar que uma região feérica como essa se situou, algum dia, ainda que há cerca de três séculos e meio, em zona rural. De fato, os registros históricos dão conta de que — muito antes de os nivelamentos, aterros e drenagens alterarem de forma radical a topografia da ilha — as catacumbas dos judeus se encontravam mesmo “fora da cidade”, jazendo ao sopé da colina de uma bucólica fazenda, com vista privilegiada e imediata para o East River.

Hoje, as sepulturas da St. James Place são uma relíquia histórica quase ignorada. Até princípios do século XIX, as dimensões do espaço eram bem maiores, embora já não se possa mais defini-las com precisão. A progressiva expansão urbana acabou tragando todo o entorno, inclusive os próprios sepulcros, forçando a exumação paulatina de centenas de restos mortais, transferidos para outros locais à medida que a cidade se agigantava.

Reduzido a menos de duzentos metros quadrados de área, o terreno submergiu em relativa obscuridade. O cadeado no portão impede a frequência espontânea de visitantes. O mau estado de conservação e a presença de eventuais usuários de crack pelas redondezas apressam o passo dos pedestres, inibindo olhares mais contemplativos.

Os poucos que têm oportunidade de adentrar o lugar, com a devida autorização do reservado administrador oficial, constataam que, entre as covas remanescentes, a mais antiga está datada de 1683 — portanto, decorridas quase três décadas da fundação do cemitério. A lápide original de pedra tosca, com epitáfio em versos hebraicos, foi posteriormente substituída por outra, de metal, com texto em ladino, a língua semelhante ao espanhol arcaico falada pelos judeus sefarditas, isto é, os naturais de Sefarad, o nome citado no Antigo Testamento para uma terra que seria, segundo a tradição judaica, a Península Ibérica. Numa tradução livre, indica:

DEBAIXO DESTA LOUSA SEPULTADO
BENJAMIN BUENO DE MESQUITA
FALECEU E DESTE MUNDO FOI TOMADO
NO 4 DE CHESHVAN SUA ALMA BENDITA
AQUI DOS VIVENTES SEPARADA
ESPERA POR SEU DEUS, QUE RESSUSCITA
OS MORTOS DO SEU POVO COM PIEDADE
PARA VIVER O SEM-FIM DA ETERNIDADE

(1683)⁴

Cheshvan é o oitavo mês do calendário eclesiástico judaico. Além do idioma, o sobrenome do morto atesta sua origem ibérica.

Os que continuam a seguir pela St. James com destino ao extremo sul de Manhattan mal desconfiam que, talvez por não terem reparado no pequeno cemitério, deixaram para trás um dos possíveis limiares para uma história tão terrível quanto admirável, cheia de peripécias, reviravoltas e lances trágicos que beiram o inacreditável — e, por isso mesmo, constituída por muitas incertezas, controvérsias e incógnitas.

Nesse ponto, o que mais chama a atenção são os grandes condomínios de uso misto plantados lado a lado da rua. Caso do sinuoso Chatham Green, prédio de 21 andares e arquitetura modernista, construído em forma de “S”. Nada mais nessas paragens remete à época da instalação do cemitério.

A ilha de Manhattan era atravessada por regatos, pântanos e cachoeiras, entremeada por florestas de pinheiros, carvalhos e castanheiras imemoriais. Os copiosos estuários abrigavam colônias de mexilhões e mariscos. Alces e veados pastavam incautos pelos bosques, espreitados por lobos selvagens. Os ursos também eram numerosos e ameaçadores. Cisnes, patos e gansos nadavam em rios entupidos de salmões, trutas e linguados, compartilhando os alagadiços com mergulhões, garças e castores de pele lustrosa.⁵

O pequeno núcleo habitacional existente no século XVII situava-se para além da área onde, agora, a St. James Street sofre duas suaves inclinações à direita, mudando de nome e se convertendo, primeiro, em Pearl Street (“rua da Pérola”, batizada assim pelas muitas ostras peroladas encontradas na região pelos antigos colonizadores); depois, em Water Street (“rua da Água”, pelo fato de, no passado, antes de os aterros centenários a terem distanciada cada vez mais das bordas do East River, ela ter demarcado a costa da porção inferior a leste da ilha).

Hoje, a rua tangencia, a cerca de duzentos metros de distância, os armazéns e galpões da antiga zona portuária, os mesmos que, revitalizados, no presente abrigam lojas de grife, restaurantes sofisticados e as

instalações do museu marítimo da cidade. A velha Water Street, que antes margeava o rio, tornou-se um corredor de titãs arquitetônicos de vidro, concreto e aço. Na altura em que ela cruza a célebre Wall Street, chega-se enfim ao limite geográfico do que, em 1656 — a data da fundação da necrópole dos judeus — era então considerado o início da área urbana da Manhattan colonial.

Wall Street, a “rua da Muralha”, recebeu esse nome pela paliçada de madeira que existia, na retaguarda do povoado, para servir de proteção contra o ataque de índios, corsários, piratas e demais invasores. Composto por estacas sólidas de pontas afiadas, com três metros de altura e fincado a mais de um metro de profundidade abaixo da superfície do solo, o paredão tinha cerca de setecentos metros de extensão.⁶ Atravessava a ilha de ponta a ponta no sentido longitudinal, desde a bordadura do East River até as imediações da atual Trinity Church, a tradicional igreja anglicana na esquina da Wall Street com a Broadway, faixa de território então banhada pelas águas do rio Hudson (todo o restante a oeste dessa parte da ilha também é fruto de aterros posteriores).

No local em que havia a tosca amurada, os oito quarteirões da moderna Wall Street tornaram-se o símbolo máximo do poder financeiro. A exemplo do que ocorre nos demais cruzamentos da rua, a intersecção com a Water Street é assinalada pela presença de executivos e operadores de ternos sóbrios que se misturam a turistas de máquina fotográfica a tiracolo. De instante em instante, do alto dos ônibus de dois andares lotados de excursionistas, câmeras de celulares apontam em todas as direções. Cinco quadras adiante, desvencilhando-se dos engravatados de ar impaciente e dos forasteiros que caminham abismados de pescoço erguido para cima, alcança-se a Peter Minuit Plaza, no ponto mais meridional da ilha.

Basta olhar ao redor para constatar que quase ninguém se detém, por um minuto sequer, diante de um pequeno bloco de granito bruto disposto a um dos cantos da praça. Nele está afixada a maquete em